

Pedagogia do esporte e a Educação Física escolar: possibilidades entre o teaching games for undestanding (TGfU) e o minivoleibol

RESUMO

Este texto apresenta reflexões e duas sugestões de aulas sobre o minivoleibol com a utilização do Teaching Games for Understanding, juntamente com as lentes da Pedagogia do Esporte. Consideramos que, por via das mudanças curriculares e que vão em direção ao ensino técnico dos esportes, este trabalho traz ideias de utilização do TGfU para os professores de Educação Física no âmbito escolar, na direção de ampliar os conhecimentos pedagógicos. Observamos que, em cenários que o TGfU foi operado, houve mudança significativa e positiva à aprendizagem dos estudantes. Por fim, as estratégias quanto ao uso do minivoleibol e sua operacionalização devem ser repensados em todos os contextos que estão inclusos pois é evidenciado a melhora no desempenho tático e cognitivo dos participantes.

PALAVRAS-CHAVE: Minivoleibol; Ensino; Compreensão; Pedagogia do esporte; Escola

Vinícius Felipe Cardoso

Mestrando em Educação Física
Universidade Federal de Goiás, PPGEF/FEFD,
Goiânia, GO, Brasil
viniciusfelipecardoso@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7884-2695>

Iron Martins Lisboa Júnior

Mestrando em Educação Física
Universidade Federal de Goiás, PPGEF/FEFD,
Goiânia, GO, Brasil
ironjuniorgpi13@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4032-7978>

Paulianny Mirelly Gonçalves de Sousa

Mestranda em Educação Física
Universidade Federal de Goiás, PPGEF/FEFD,
Goiânia, GO, Brasil
paulianny_mirelly@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1817-313X>

Humberto Luís de Deus Inácio

Pós-Doutor em Educação Física
Universidade Federal de Goiás, FEFD,
Goiânia, GO, Brasil
betoinacio@ufg.br
<https://orcid.org/0000-0002-5683-7454>

Sport pedagogy and schollar Physical Education: possibilities between teaching games for understanding (TGfU) and mini volleyball

ABSTRACT

This text presents reflections and two lesson suggestions about mini volleyball using Teaching Games for Understanding, through the lens of Sport Pedagogy. We consider through curricular changes that move towards technical sports education, this work brings ideas and the use of TGfU to Physical Education teachers in school, in the direction of expanding pedagogical knowledge. We observed that, in scenarios where TGfU was operated, there was a significant and positive change in student learning. Finally, the strategies for the mini volleyball and this operationalization should be reconsidered in all the contexts included, because it is evidence of the tactical and cognitive development.

KEYWORDS: Mini volleyball; Teaching; Understanding; Sport pedagogy; School

Pedagogía del deporte y Educación Física escolar: posibilidades entre los juegos didácticos para la comprensión (TGfU) y el mini voleibol

RESUMEN

Este texto presenta reflexiones y dos sugerencias de lecciones sobre mini voleibol utilizando Juegos de Enseñanza para la Comprensión, a través del lente de la Pedagogía Deportiva. Consideramos que, mediante cambios curriculares que avancen hacia la educación técnico deportiva, este trabajo aporta ideas y el uso de TGfU a los profesores de Educación Física en la escuela, en la dirección de ampliar el conocimiento pedagógico. Observamos que, en los escenarios donde se operó TGfU, hubo un cambio significativo y positivo en el aprendizaje de los estudiantes. Finalmente, las estrategias para el mini voleibol y esta operacionalización deben ser reconsideradas en todos los contextos incluidos, porque es evidencia del desarrollo táctico y cognitivo.

PALABRAS-CLAVE: Mini voleibol; Enseñanza; Comprensión; Pedagogía deportiva; Escuela

INTRODUÇÃO

O ensino dos esportes no contexto da Educação Física Escolar tem sido uma fonte de discussões, já que na contemporaneidade muito tem se estudado sobre ‘como ensinar o esporte no âmbito escolar’, assim tem sido um grande desafio para inúmeros estudiosos entenderem a metodologia do trabalho pedagógico dos docentes, especialmente ao tange sobre as diferentes modalidades esportivas que buscam seu espaço, principalmente na escola. No tocante, o que nos propomos nesse ensaio é trazer uma reflexão entre o *Teaching Games for Understanding* (TGfU) e o minivoleibol, a partir de reflexões acerca da Pedagogia do Esporte, bem como duas propostas de aula.

Para darmos o pontapé inicial, precisamos entender que a Pedagogia do Esporte é um campo de estudo e prática que se concentram no ensino, na aprendizagem de habilidades e valores esportivos, bem como cooperação, liderança, *fair play* e respeito.

Gallati *et al.* (2008), nos indicam que os estudos da Pedagogia do Esporte buscam ir além da simples prática esportiva e competitividade, enfatizando a importância do processo educacional e no desenvolvimento integral dos alunos, isto é, desenvolver as habilidades motoras, cognitivas e sociais dos estudantes. Isso significa que o objetivo não é formar atletas, mas sim cidadãos conscientes e responsáveis.

Cabe ressaltar que o esporte é um dos conteúdos da Educação Física (EF) em todas as etapas da educação básica, como fica claro na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018). Por sua vez, a BNCC (BRASIL, 2018) foi elaborada por especialistas das diversas áreas do conhecimento, na qual o foco é o preparo dos estudantes para o futuro de acordo com suas demandas, como também tem a proposta de adequar os currículos regionais, alinhar as práticas pedagógicas das escolas públicas e particulares do Brasil, ou seja, “garantir o conjunto de aprendizagens essenciais aos estudantes brasileiros” e seu desenvolvimento integral (BRASIL, 2018, p. 7).

É um documento de caráter normativo que define a progressão de aprendizagens das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo que, superficialmente, há a tentativa de garantir os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em semelhança com o que prescreve o Plano Nacional de Educação. Salientamos que a BNCC (BRASIL, 2018) não determina *como* ensinar, mas *o que* ensinar. À luz da BNCC, os esportes estão classificados de acordo com a lógica interna presente em cada modalidade, isto é, os esportes estão estruturados em sete categorias, “privilegiando as ações motoras intrínsecas, reunindo esportes que apresentam exigências motrizes semelhantes no

desenvolvimento de suas práticas” (BRASIL, 2018). Essas sete categorias são organizadas em: rede/parede, invasão territorial, precisão, campo e taco, marca, combate e técnico-combinatório.

O traje que buscamos com esse estudo é vislumbrar as possibilidades que o esporte voleibol, classificado como ‘rede/parede’ ou ‘parede de rebote’, pode ser abordado no âmbito escolar, inicialmente considerando o contexto que será desenvolvido, utilizando-se do TGfU como ponto de partida e como interlocução na aplicabilidade do esporte, visto que alguns autores defendem a reação positiva para a aprendizagem dos alunos, mesmo com limitações e dificuldades apresentadas ao desenrolar das aulas (GIL *et al.*, 2019; SARRUGE; GINCIENE; IMPOLCETTO, 2020).

Uma vez que, para Kunz (2001), se faz necessário a busca da formação de indivíduos críticos, reflexivos e autônomos, capazes de tomar decisões conscientes e responsáveis em relação ao seu próprio desenvolvimento e ao do grupo, cabe ao professor de EF perceber como estão distribuídos, planejando e colocando-os à prova na prática, seja por meio do TGfU ou qualquer outra forma que possa garantir um melhor aprendizado para os estudantes. Assim, este estudo torna-se relevante no sentido de fazer com que o professor de EF seja capaz de entender o seu papel diante das inúmeras possibilidades de aplicabilidade do conteúdo esportivo no âmbito escolar. Neste caminho, Kunz (2001) destaca a importância de uma abordagem pedagógica que valorize o diálogo e a participação ativa dos indivíduos no processo de aprendizagem.

Chamamos a atenção às mudanças curriculares, bem como legais, que fragilizaram o sistema educativo e a formação profissional dos docentes da educação básica. Desse modo, Nascimento (2006) nos relembra acerca de dois aspectos importantes sobre a formação do professor de EF: muitos acabam não valorizando o que aprenderam no processo formativo ou o seu processo não foi suficiente para lidar com situações cotidianas. Em outros termos, o docente de EF, em inúmeras ocasiões, transfere as técnicas do esporte descontextualizado das situações reais de jogo, baseando-se de meras repetições (GIL *et al.*, 2019, p. 2).

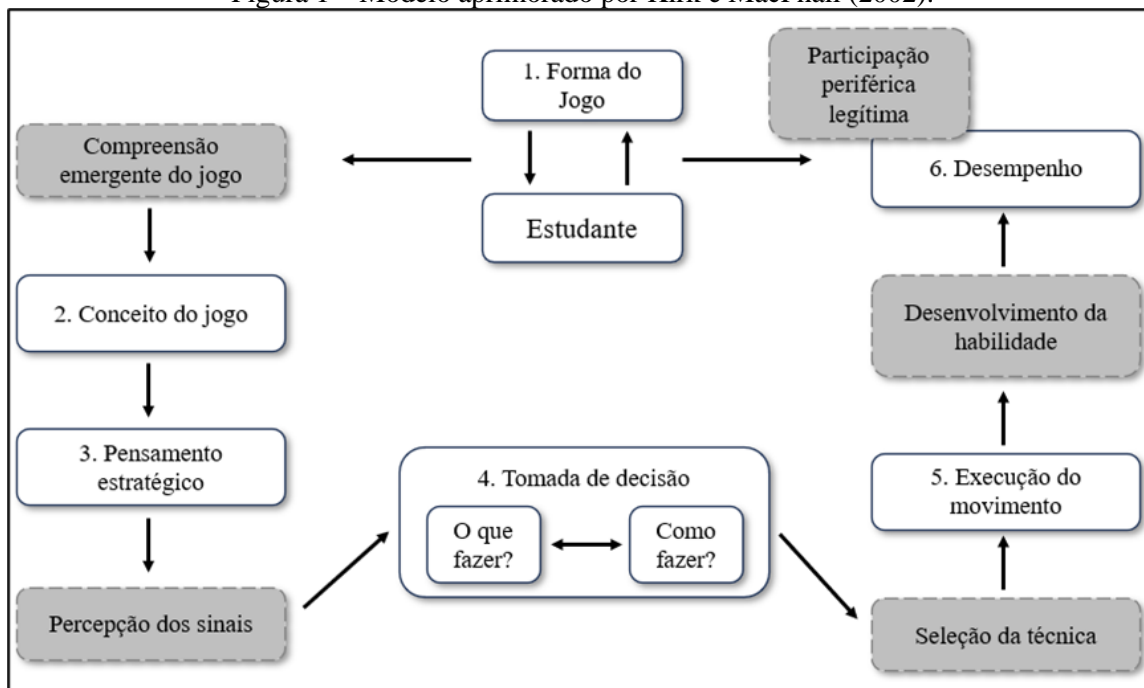
Por fim, o que trazemos neste ensaio é anunciar a possibilidade de ministrar o minivoleibol nas aulas de EF por meio do TGfU, pois compreendemos que alguns modelos de ensino já foram produzidos, repercutidos e discutidos no campo educacional, ao encontro das práticas ‘tradicionais’ e sem justificativa ou sentido algum para os alunos e/ou atletas, justificando a dificuldade em que os professores de EF, na educação básica, encontram em seu cotidiano.

TEACHING GAMES FOR UNDERSTANDING COMO PROPOSTA METODOLÓGICA

O *Teaching Games for Understanding* (TGfU) – Ensinando Jogos para Compreensão, em português –, é um modelo de ensino de jogos esportivos que visa desenvolver a compreensão do jogo ao invés de focar na habilidade ou em técnicas isoladas. Esse modelo foi desenvolvido pelos professores Rod Thorpe e David Bunker, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), na década de 1980. Em contraste com as concepções esportivas/tradicionais da época em que o material foi produzido, os autores reiteram que o objetivo do TGfU é permitir que os alunos aprendam os aspectos táticos do jogo, mediante modelos e versões modificadas, permitindo que, num futuro próximo, a técnica será fruto da tática lapidada pelos estudantes (GRIFFIN; BUTLER, 2005).

Após cerca de 15 anos da utilização deste modelo em sua forma original, Kirk e MacPhail (2002) fizeram a releitura do TGfU, no qual os autores apresentam uma versão mais robusta e sofisticada, apresentada na Figura 1.

Figura 1 – Modelo aprimorado por Kirk e MacPhail (2002).



Fonte: adaptado de Resende e Lima (2016).

No âmbito escolar, seguindo o modelo aprimorado por Kirk e MacPhail (2002), Fagundes e Ribas (2020) exploram e ilustram os Princípios Pedagógicos que rondam o TGfU. De acordo com Fagundes e Ribas (2020), o primeiro princípio pedagógico é a **seleção do tipo de jogo**, onde este jogo

possa “possibilitar uma multiplicidade de experiências que condicionem à compreensão de similaridades e diferenças entre as modalidades” (FAGUNDES; RIBAS, 2020). Na sequência, temos a **modificação por representação**, indicando que as estruturas propostas devam refletir as características do jogo formal. O terceiro princípio é a **modificação por exagero**, na qual manipulam as regras do jogo, o espaço e o tempo, para a problematização tática. Por fim, a **adaptação da complexidade tática**, que “corresponde ao estabelecimento de situações-problema para serem solucionados correspondendo às necessidades e potencialidades dos estudantes” (FAGUNDES; RIBAS, 2020).

É importante salientar que as propostas e as ideias que o docente deverá concretizar com os estudantes, precisam estar previamente organizadas e em consonância com os objetivos táticos presente no jogo. Como o TGfU não é um modelo engessado, Sarruge, Ginciene e Impolcetto (2020, p. 5), também estruturam e o descrevem da seguinte forma:

- **Jogo inicial** – se aproxima do jogo formal, porém com algumas diferenças;
- **Conscientização** – após o jogo inicial, este é o momento em que se faz perguntas como: *Qual o objetivo desse jogo? Quais movimentos deveriam ser feitos? Para fazer a manutenção da posse de bola, o que deveria ser feito?* São fundamentais para a construção do conhecimento tático.
- **Tarefa** – são jogos com menor complexidade de regras, onde é frisado a questão tática ou técnica que foi escolhida;
- **Conscientização** – como no primeiro momento de conscientização, se faz perguntas que remetam ao jogo final, por exemplo: *até agora, o que foi melhor aqui?* Isso serve para que os estudantes tenham uma transferência de aprendizagem para o jogo formal.
- **Jogo final** – é a retomada do jogo inicial, com maior ou menor complexidade. É constatado que a repetição do jogo inicial será melhor desenvolvida.

Tais momentos do jogo auxiliam o docente na regência de uma aula que celebre os princípios operacionais do esporte que ele escolheu, bem como uma forma de ensino contextualizada se baseando em jogos reduzidos, porém com a estrutura tática semelhante ao jogo formal.

Nessa direção, observamos que este modelo pode ser aplicado para uma variedade de jogos esportivos, desde os mais tradicionais como futebol, o voleibol e o handebol, até jogos mais modernos, como *ultimate frisbee* (PALLOS, 2022; SILVA *et al.*, 2023), o *rugby* (THOMAS; MORGAN; MESQUITA, 2013; KOEKOEK; DOKMAN; WALINGA, 2022) e o *badminton* (ABURACHID *et al.*, 2019).

Nesse mesmo contexto, outras investigações tiveram suas expectativas e evidenciaram como o TGfU pode originar um incremento na motivação dos discentes nas aulas que versam sobre esportes praticados em grupo. Em um estudo conduzido por Garcia-González *et al.* (2020), foi constatado que esse modelo suscitou motivação entre os discentes menos estimulados durante as aulas de EF que se dedicaram ao ensino do voleibol.

No estudo realizado por Chagas, Ozmun e Batista (2017), com participantes com idades entre 13 e 14 anos, sendo estudantes de voleibol em aulas de EF, foi observada uma correlação moderada e significativa entre a pontuação na avaliação da Coordenação Motora e o desenvolvimento das habilidades técnicas. Isso evidencia o papel relevante do modelo TGfU.

Por fim, na pesquisa realizada por Gil-Árias *et al.* (2017), os resultados evidenciaram que os participantes exibiram um senso de autonomia significativamente ampliado quando submetidos ao ensino por meio do modelo híbrido.

Na seção a seguir, iremos demonstrar, empiricamente, como este modelo pode ser operado e exemplificado no minivoleibol.

UTILIZANDO O TGFU NA ESCOLA: possibilidades no minivoleibol

O minivoleibol é um jogo modificado que aumenta a participação dos alunos, a tomada de decisão, a execução de habilidade e o desempenho do jogo (MAHADERO *et al.*, 2015). Esta é uma versão reduzida do voleibol tradicional. Tal modalidade esportiva visa desenvolver as habilidades motoras e sociais, além de proporcionar diversão e atividade física (GOTSCH, 1983). As regras são adaptadas para o tamanho e habilidade dos participantes. A quadra é menor, cerca de 6x6 metros e a altura da rede é menor que o voleibol tradicional. As equipes são geralmente compostas por quatro jogadores, em vez dos seis jogadores tradicionais.

O mini voleibol é jogado com uma bola mais leve e menor, permitindo que as crianças, jovens, adultos e idosos¹ possam lançá-la e recebê-la com mais facilidade. Além disso, o número de toques permitidos para enviar a bola à quadra adversária é maior que no voleibol tradicional, a fim de incentivar os praticantes a se familiarizarem com a lógica interna e o ambiente que o esporte está estruturado.

Para Quadros Júnior, Quadros e Gordia (2007),

¹ Ampliamos a execução do mini voleibol para outros grupos sociais pois reconhecemos o esporte como direito social para todos.

Ao contrário das outras modalidades citadas, o voleibol apresenta uma série de dificuldades motoras, como velocidade, destreza, habilidade de salto e reflexos, além de exigir também atenção e raciocínio rápido para organizar as jogadas, características estas que podem desestimular muitas crianças se estas só começarem a jogar depois dos 14 anos. Nesta idade o medo de rejeição e aceitação pelo outro pode inibir um iniciante no esporte pela exigência de habilidades necessárias, o que justifica uma iniciação lúdica ao jogo de vôlei antes da forma tradicional e mais elaborada. E isto pode ser conseguido através do mini-voleibol (QUADROS JUNIOR, QUADROS e GORDIA, 2007).

Ao darmos sequência neste debate, apresentamos duas aulas em contexto prático de ensino do minivoleibol com o método TGfU. De antemão, precisamos lembrar que o professor de EF deve estar em sintonia com o contexto escolar e adequar estes planos em suas complexidades. Os exemplos estão adequados aos princípios operacionais segundo Bayer (1994).

Antes de ilustrarmos as aulas propostas, esclarecemos que utilizaremos dois princípios operacionais segundo Bayer (1994) que sejam opostos. Em outras palavras, uma aula sobre ‘ataque’ e a outra ‘defesa’, para que o professor de EF se familiarize e tenha um horizonte para adequar a aula segundo as características pessoais dos participantes, bem como os materiais, o tempo e o espaço para a prática. Esclarecemos que os exemplos apresentados estão reproduzidos conforme Silva *et al* (2023).

A primeira aula (Quadro 1) está situada no princípio de conservação ou manutenção da bola, isto é, ataque.

Quadro 1 – Exemplo de aula sobre o minivoleibol com método TGfU: conservação da posse de bola

	Descrição	Relação numérica	Espaço	Duração	Materiais
Aquecimento	“Bobinho” com bola; alunos em círculos de 4 integrantes com 1 ou 2 no centro a fim de interceptar a bola – o aluno que interceptar, trocará de função com o último estudante que realizou o passe.	4x1 ou 4x2	Quadra reduzida	5 minutos	Bola de voleibol
Jogo 1	1. Realizar 5 passes. Após o 5º passe, atacar para a zona de ataque; 2. Não é infração deixar a bola cair antes dos passes acordados; 3. Movimentação livre dentro da quadra reduzida	4x4 ou 3x3	Quadra reduzida	10 minutos	Bola de voleibol
Questões iniciais	1. Por que é importante passar a bola durante o jogo de vôlei? 2. Quantos passes são necessários, nesta atividade, para atacar? 3. Qual o espaço que se deve atacar? E qual a dificuldade que têm?			5 minutos	-
Atividade para técnica	1. Dispor os alunos em duplas/trios/quartetos, frente a frente, na qual devem realizar passes durante o tempo estimado; 2. Variar as distâncias segundo as possibilidades de cada grupo.	Duplas, trios ou quartetos;	Livre na quadra	7 minutos	Bolas de voleibol

Jogo 2	Os alunos retornarão em suas equipes anteriores com a seguinte regra: 1. Vale 1 ponto a finalização de quem fizer 5 ou menos passes; 2. Vale 2 pontos a finalização de quem fizer 5 ou mais passes.	4x4 ou 3x3	Quadra reduzida	10 minutos	Bola de voleibol
Questões finais	1. Quais obstáculos e dificuldades encontraram na conservação da posse da bola? 2. Qual a razão e quais estratégias foram utilizadas para manter a posse da bola antes de concluir precipitadamente?			5 minutos	-

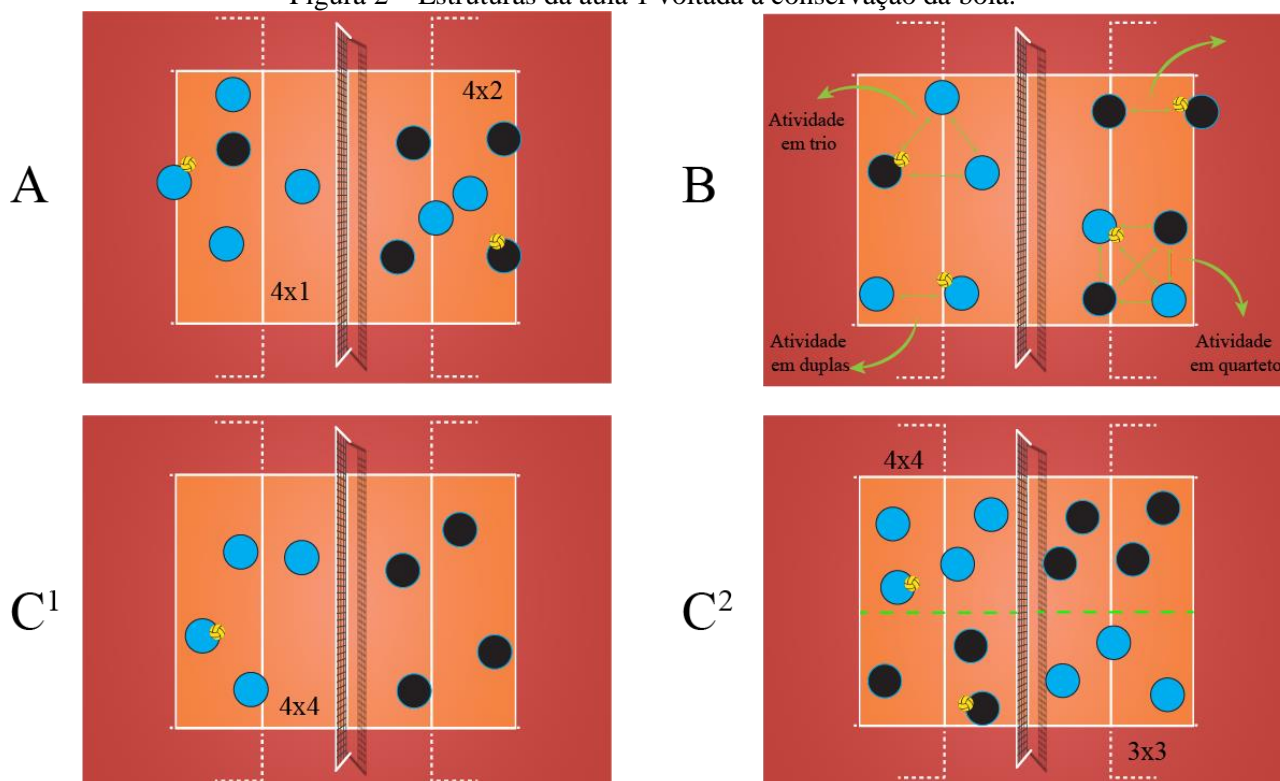
Fonte: autoria própria (2023).

Sabemos que no voleibol tradicional, o número de passes máximos permitidos são 3 (salvo a regra de bloqueio). No entanto, a manutenção da bola se torna fundamental ao criar estratégias de ação, ao saber o remetente que o jogador enviará a bola a fim de seu time pontuar, independentemente utilizar de 3 passes ou menos. No entanto, essa estratégia a nível inicial é predatória pois a técnica, empiricamente, será insuficiente e resultará prejuízo para a equipe. Nesse sentido, a fim de sua concretização, a técnica “passe” será operacionalizada após a compreensão da conservação da bola, buscando melhorar o aprendizado tático/técnico.

Nesta aula de ataque, sempre iniciaremos com aquecimento, e que neste aquecimento tenha uma característica do que iremos trabalhar. Justamente o minivoleibol utiliza a quadra reduzida 6x6, não impedindo a possibilidade de adequar às dimensões oficiais do voleibol. Após o aquecimento, os alunos estarão divididos em grupos (times) a fim de realizar a manutenção da posse de bola com 5 toques permitidos antes do ataque à equipe oposta. É necessário lembrar que o saque pode ser feito à livre escolha do estudante, visto que nosso objetivo não é pontuar a partir dele (alcançando um *ace*, por exemplo). Feito o Jogo 1, é importante levantar as questões e as dificuldades exacerbadas durante o momento anterior.

Na Figura 2 ilustraremos como a aula voltada à conservação da bola pode ser operacionalizada. Ressaltamos que o número de estudantes e participantes do jogo é variável, de acordo com cada contexto escolar.

Figura 2 – Estruturas da aula 1 voltada à conservação da bola.



Fonte: produção do autor (2023).

A) aquecimento; B) atividades para a técnica; C¹) jogos 1 e 2; C²) variação do jogo 2.

A segunda aula, nos remete à proteção da meta, isto é, o princípio operacional por trás desta aula é a defesa. Sabemos que nos esportes de rede/parede, de acordo com a BNCC (BRASIL, 2018), “se caracterizam por arremessar, lançar ou rebater a bola em direção a setores da quadra adversária nos quais o adversário seja incapaz de devolvê-la da mesma forma ou na tentativa de levá-lo a cometer um erro”. Nesses termos, o chão é o alvo desses esportes. A seguir, no Quadro 2, apresentaremos um exemplo de aula defensiva.

Quadro 2 – Exemplo de aula: proteção da meta

	Descrição	Relação numérica	Espaço	Duração	Materiais
Aquecimento	1. Dois grupos, um jogador no centro do círculo e passa a bola para quem está em sua frente; 2. Após isso, volta à sua posição original; 3. Pode usar toque livre ou manchete.	Grupos de 5 jogadores	Quadra livre	5 minutos	Bolas de voleibol
Jogo 1	1. Delimitar um quadrado na área de passe; 2. O jogador de defesa não pode entrar nessa área; 3. A equipe que acertar dentro dessa área, ganhará 2 pontos.	4x4 ou 3x3	Quadra fragmentada	15 minutos	Bola de voleibol
Questões iniciais	1. Por que é importante passar a bola durante o jogo de vôlei? 2. Quantos passes são necessários, nesta atividade, para atacar? 3. Qual o espaço que se deve atacar e quais as dificuldades?			5 minutos	-

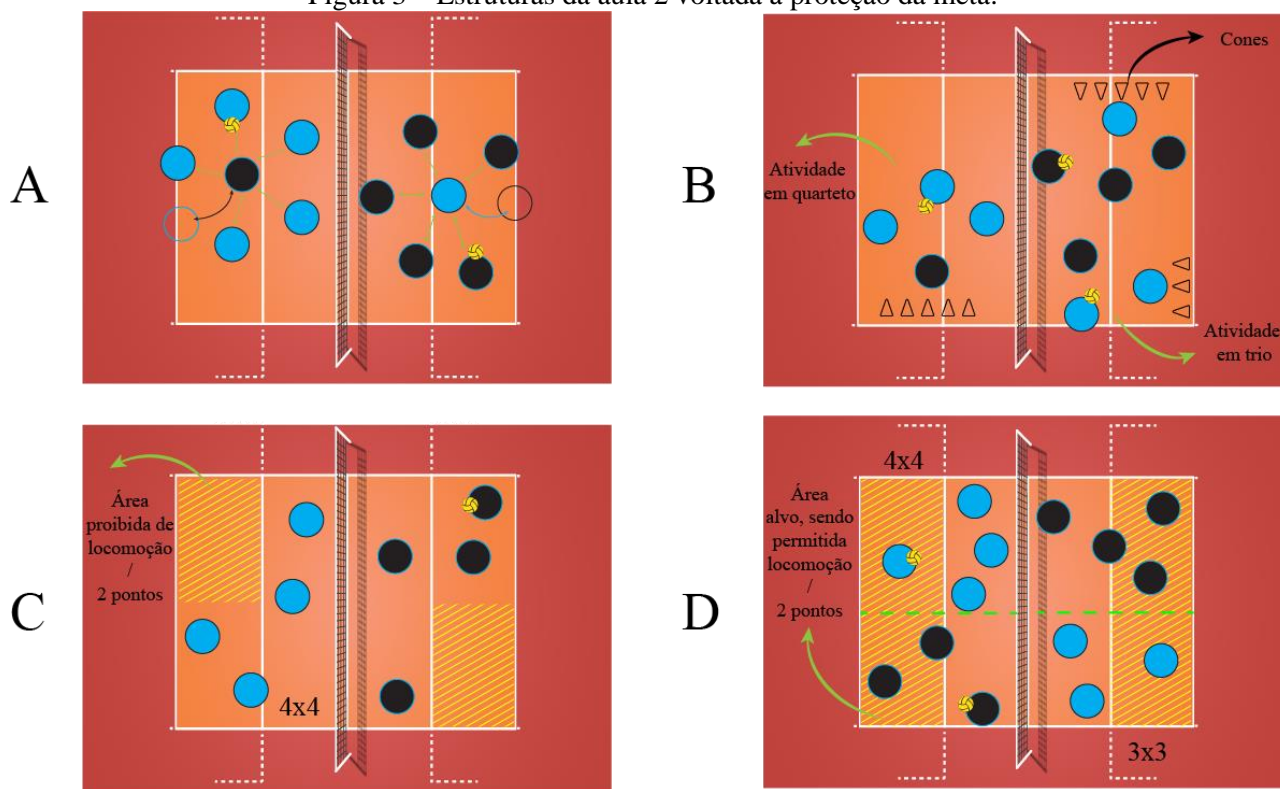
Atividade para técnica	<ol style="list-style-type: none"> 1. Dispor os alunos em pequenos grupos na qual um deles estará no centro, revezando com os outros; 2. Quem estiver no centro, defenderá os cones usando a manchete; 3. Os outros colegas tentarão derrubar ou acertar os cones. 	Trios ou quartetos;	Livre na quadra	7 minutos	Bolas de voleibol e cones
Jogo 2	<ol style="list-style-type: none"> 1. A área será ampliada por toda a área de passe; 2. Os jogadores de defesa poderão se locomover neste limite; 3. Caso o time adversário acerte o local delimitado, fará 2 pontos. 	4x4 ou 3x3	Quadra fragmentada	10 minutos	Bola de voleibol
Questões finais	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quais obstáculos e dificuldades encontraram na preservação da posse da bola? 2. Qual a razão e quais estratégias utilizaram para manter a posse da bola antes de concluir precipitadamente? 			5 minutos	-

Fonte: autoria própria (2023).

Neste exemplo, utilizaremos bolas de voleibol e cones. Destacamos que a manipulação das regras do jogo que imita as regras dos jogos formais, devem ser contextualizados e representados de maneira lúdica, para serem atrativos aos participantes. Nesses termos, devemos nos atentar que nos Jogos 1 e 2 iremos manipular os territórios/zonas: no Jogo 1, os alunos não poderão se locomover nos espaços quadrados delimitados, sendo que, se necessário, poderão ser estipulados por cones. Neste jogo, as equipes terão 3 toques com posse de bola e, ao acertar a área delimitada, ganhará 2 pontos – regra fixa nos dois jogos. No Jogo 2, este limite será estendido, de 3x3 metros para 6x3 metros, no qual os alunos poderão se locomover neste limite. Para a atividade técnica, os jogadores deverão estar dispostos em pequenos grupos (trios ou quartetos) onde o objetivo é acertar os cones e, para isso, um indivíduo ficará próximo aos cones para impedir alguém acertar o alvo. Ao final, este participante revezará com os outros.

Abaixo, na Figura 3, ilustraremos este exemplo de aula.

Figura 3 – Estruturas da aula 2 voltada à proteção da meta.



Fonte: produção do autor (2023).

A) aquecimento; B) atividades para a técnica; C) jogos 1 e 2; D) variação do jogo 2.

Considerando as características mencionadas no texto, identificamos alguns elementos como as interações motrizes de colaboração e confronto (manifestadas em momentos específicos do jogo), processos de análise praxêmica e gestêmica, rede de interações de bloqueio adversário, sistema de pontuação limite, funções e subfunções específicas (sacador, defensor, atacante e líbero), bem como as diversas estratégias possíveis, representam conhecimentos de primordial importância para o aperfeiçoamento do mini voleibol a partir de sua estrutura interna.

Em outras palavras, no caso da Aula 2 (sobre o princípio operacional ‘defesa’), não se constitui em ‘impedir a progressão da bola’, mas sim deixar que os alunos criem estratégias e se organizem na quadra, dispostos em seus papéis, para que a equipe que está em ataque tenha dificuldade em pontuar. O enfoque dos alunos parte do pressuposto de “identificar os pontos fortes e fracos de sua equipe para optar pela melhor atuação tática”, sendo que, a partir disso, os estudantes compreendam seu papel estratégico na equipe e como balizar sua própria atuação (FAGUNDES, RIBAS, 2020, p. 18). Nesta lógica, não haverá interferência direta com os adversários, mas sim indireta ao que corresponde a leitura da defesa no ataque adversário.

Compreende-se que, em qualquer contexto de ensino-aprendizagem, é imperativo considerar tais elementos para garantir uma abordagem congruente com a lógica intrínseca do voleibol.

Reiteramos que, no princípio de ataque e/ou defesa, existirão momentos em que o docente simplificará a dinâmica do jogo. Em determinados momentos, a descaracterização do jogo formal pode ser pontual para prosseguir com a aula. Ainda, sob a ótica de Fagundes e Ribas (2020, p. 15), o docente, ao operacionalizar o voleibol (ou mesmo adaptando-se ao minivoleibol, cujo objeto desse estudo) deverá aprofundar nos conhecimentos da Praxiologia Motriz “para embasar sua atuação e condicionar a compreensão da lógica interna dos jogos por parte dos alunos”.

Existem várias possibilidades para o minivoleibol, no entanto é importante adaptar o jogo para atender aos objetivos e recursos disponíveis e garantir que os jogadores estejam se divertindo enquanto desenvolvem suas habilidades e competências.

Em direção à conclusão dessa seção, os autores trouxeram a ideia de que o aluno compreenderá a lógica interna do jogo, como resultado às respostas de maneira inteligente às situações que aparecem ao decorrer da atividade, uma vez que é nesse processo de ação-reflexão-diálogo-ação que se constrói o conhecimento (BOLONHINI; PAES; 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retornando ao que propomos neste estudo, percebeu-se que o TGfU é um modelo possível para os professores de EF, sobretudo ao operar o minivoleibol e compreender a gama de possibilidades que este pode ser executado em suas aulas.

Em contrapartida, as reflexões abarcadas no texto trouxeram uma discussão que os autores da Pedagogia do Esporte fazem sobre a EFE, na qual nos ilustram que, antigamente, a escola da “bola” era a rua, ou seja, ninguém explicava para os praticantes os elementos táticos e técnicos.

O estudo avança quanto ao referencial de propostas metodológicas que futuramente poderão auxiliar professores na elaboração e implantação de suas práticas. Com a intencionalidade pedagógica e com o objeto ‘minivoleibol’ discutido neste ensaio, podemos tecer alguns aspectos importantes, ao que tange o desenvolvimento integral dos indivíduos ao perceberem que a modalidade esportiva formal pode ser modificada a partir do grau de dificuldade e facilidade.

Esses pressupostos se originam a partir do professor de EF compreender as possibilidades que o TGfU tem ao modificar o jogo, ao manipular as regras, ao condicionar eventos durante o jogo, ao trazer questões que instiguem os jogadores a compreenderem suas ações durante o jogar e a levar o esporte para suas vidas de forma prazerosa.

As duas aulas apresentadas podem ser operacionalizadas de acordo com cada contexto e de cada clientela que se faz presente. Ao propor aulas significativas e atrativas para os participantes, é necessário deixar claro quais princípios operacionais (ataque e defesa) estará executando.

Claramente, a assimilação dos conhecimentos destacados neste estudo não é um procedimento trivial, especialmente em consideração à rica história e ao compromisso científico subjacente à formação das teorias que fundamentam este ensaio. Entretanto, se este trabalho puder servir como um instrumento de reflexão sobre o ensino de esportes, seja para professores de EF ou para o próprio debate acadêmico, então seu propósito já terá sido alcançado. Não se busca com este material doutrinar os professores no ensino para compreensão, mas sim fomentar um diálogo entre o que é produzido na discussão acadêmica e a prática no campo de intervenção, seja em escolas, clubes, associações ou em outros locais que a prática corporal esteja presente.

É importante enfatizar o compromisso assumido com a busca pela excelência no ensino esportivo, desde o início desta investigação. Todas as ideias apresentadas aqui, juntamente com suas restrições e possibilidades, foram elaboradas com o propósito de oferecer orientação aos professores no ensino de esportes, a fim de abordar parcialmente algumas questões relacionadas ao processo de ensino e de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ABURACHID, Layla Maria Campos. *et al.* Badminton: Possibilidades de ensino aplicadas ao contexto da Educação Física Escolar. **Journal of Physical Education**, v. 30, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v30i1.3055>. Acesso em 29 ago 2023.

BAYER, C. **O ensino dos deportes colectivos**. Lisboa, Dinalivro, 1994.

BOLONHINI, Sabine Zink; PAES, Roberto Rodrigues. A proposta pedagógica do Teaching Games for Understanding: reflexões sobre a iniciação esportiva. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 12, n. 2, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/5694>. Acesso em: 8 nov 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 11 nov 2022.

CHAGAS, Daniel; OZMUN, John; BATISTA, Luiz Alberto. The relationships between gross motor coordination and sport-specific skills in adolescent non-athletes. **Human Movement**, vol. 18, n. 4, p. 17-22, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/humo-2017-0037>. Acesso em 30 ago 2023.

FAGUNDES, Felipe Menezes; RIBAS, João Francisco Magno. Princípios pedagógicos do modelo *Teaching Games For Understanding*: uma visão praxiológica sobre o ensino para compreensão do esporte. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 62, p. 01-22, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2020e67040>. Acesso em: 1 dez 2022.

GIL-ÁRIAS, Alexander. *et al.* Impact of hybrid TGfU-Sport Education unit on student motivation in physical education. **PLoS ONE**, v. 6, n. 12, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0179876>. Acesso em: 18 mar 2023.

GIL, Vicente María Gaspar. *et al.* El cuestionamiento como herramienta fundamental para el desarrollo de la toma de decisiones de los alumnos em Educación Física. **Movimento**, Porto Alegre, vol. 25, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.86547>. Acesso em: 20 mar 2023.

GOTSCH, Wulf. **Mini voleibol**. Argentina: Editorial Stadium, 1983.

GRIFFIN, Linda.; BUTLER, Joy. *Teaching Games for Understanding: theory, research, and practice*. **Champaign**, Illinois: Human Kinetics, 2005.

KIRK, David; MacPHAIL, Ann. Teaching games for understanding and situated learning: rethinking the Bunker-Thorpe model. **Journal of Teaching in Physical Education**, n. 21, p. 177-192, 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/44164225_Teaching_Games_for_Understanding_and_Situated_Learning_Rethinking_the_Bunker-Thorpe_Model. Acesso em: 05 abr 2023.

KOEKOEK, Jeroen; DOKMAN, Ivo; WALINGA, Wylde. **Game-Based Pedagogy in Physical Education and Sports: Designing Rich Learning Environments**. United Kingdom: Routledge (Taylor & Francis Group), 2022, p. 176-214.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do Esporte**. Ijuí: Unijuí, 2001.

MAHADERO, Pilar. *et al.* Effects of student skill level on knowledge, decision-making, skill execution, and game performance in a mini volleyball sport education season. **Journal of Teaching in Physical Education**, v. 34, n. 4, p. 626–641, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1123/jtpe.2014-0061>. Acesso em: 22 mar 2023.

NASCIMENTO, Juarez Vieira. Preparação profissional em Educação Física e Desportos: novas competências profissionais. *In*: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. (Orgs.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

PALLOS, Gabriel Camargo. **Material didático digital e Frisbee: uma proposta de ensino por meio de jogos para o ensino médio**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Instituto de Biociência Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/216458>. Acesso em 12 out 2023.

QUADROS JÚNIOR, Paulo Konorr de; QUADROS, Teresa Maria Bianchini de; GORDIA, Alex Pinheiro. Proposta metodológica para o minivoleibol: uma estratégia para iniciação esportiva de crianças. **Revista Lecturas: Educación Física y Deportes**, n. 10, Buenos Aires, 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd110/proposta-metodologica-para-o-mini-voleibol.htm>. Acesso em: 9 dez 2022.

RESENDE, Rui; LIMA, Ricardo Franco. Relação professor de Educação Física e alunos: Teoria, investigação e intervenção. In: BARTHOLOMEU, D. *et al.* (Org.), **Relações interpessoais: Concepções e contextos de intervenção e avaliação** (p. 133-153) São Paulo: Vetor Editora. 2016.

RIBAS, João Francisco Magno. Praxiologia Motriz: construção de um novo olhar dos jogos e esportes na escola. **Motriz**, Rio Claro, v. 11, n. 2, p.113-120, mai./ago. 2005. Disponível em: <https://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n2/10MRJ.pdf>. Acesso em: 20 mar 2023.

SARRUGE, Carina Lara; GINCIENE, Guy; IMPOLCETTO, Fernanda Moreto. Teaching the logic of volleyball: a proposal from *Teaching Games for Understanding* and the use of technologies. **Movimento**, Porto Alegre, vol. 26, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.90766>. Acesso em: 20 mar 2023.

SILVA, Leonardo Santos Lopes. *et al.* Perspectiva de enseñanza-aprendizaje del Ultimate Frisbee a partir del modelo de Enseñanza por la Comprensión, **Revista Peruana de Ciencias de la Actividad Física y del Deporte**, vol. 10, n. 2, p. 1655-1667, 2023. Disponível em: <https://www.rpcafd.com/index.php/rpcafd/article/view/255>. Acesso em 29 ago 2023.

THOMAS, Gethin; MORGAN, Kevin; MESQUITA, Isabel. Examining the implementation of a Teaching Games for Understanding approach in junior rugby using a reflective practice design. **Sports Coaching Review**, vol. 2, n. 1, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21640629.2013.855000>. Acesso em 29 ago 2023.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Não se aplica

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria compreende que não existe conflito de interesses.



LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Letícia de Assis

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Maria Vitória Duarte

HISTÓRICO

Recebido em: 05.04.2023

Aprovado em: 04.12.2023